

## O paradigma galileiano de Kurt Lewin

JORGE CORREIA JESUINO \*

1. Kurt Lewin (1890-1947) publica o texto que aqui analisamos em 1931, ou seja, dois anos antes da sua partida para os Estados Unidos. Tem então 41 anos e créditos amplamente firmados no domínio da psicologia experimental. Trabalhara até então no âmbito da corrente gestáltica, sob a influência de Kohler e de Kafka, respectivamente seis e sete anos mais velhos do que Kurt Lewin. A psicologia, não obstante já reconhecida como ciência autónoma, estava então muito próxima das preocupações filosóficas. Kurt Lewin estudara com Stumpf e, através dele, é sensível ao impacto da fenomenologia de Husserl, e sobretudo à filosofia neo-kantiana de Cassirer e de Windelband. Por outro lado, e essa é outra característica do *Zeitgeist*, segue atentamente a Ciência do seu tempo, especialmente no domínio da Física.

2. A ideia de considerar a física de Galileu como um marco epistemológico fora já enunciada por Husserl, em termos que Kurt Lewin retomará. «*Para a inteligência da natureza extrínseca, escreve Husserl, o passo decisivo da experiência ingénua para a científica, e de conceitos vulgares, vagos, para conceitos científicos, perfeitamente claros, foi, como se sabe, dado apenas por Galileu. Quanto à inteligência do psíquico, da esfera da consciência, é verdade que temos a Psicologia experimental e exacta que se considera como o simile muito legítimo da Ciência natural, exacta — contudo, embora não esteja cónscio disto, nos pontos mais importantes, encontra-se*

*numa posição que é anterior à época de Galileu» (1912, p. 28).*

Entre o texto de Husserl e o de Kurt Lewin medeiam cerca de vinte anos e nesse intervalo a Psicologia, ou pelo menos alguma Psicologia, desenvolveu-se por forma a permitir um diagnóstico menos pessimista por parte de Kurt Lewin.

Husserl alertara com razão para as insuficiências duma psicologia que se preocupa apenas com os casos gerais, que procede mediante generalizações indutivas, deixando escapar o essencial, ou seja a análise da própria consciência. Kurt Lewin irá reter essa preocupação procurando todavia conciliá-la com as exigências duma ciência empírica. É sobretudo neste aspecto que ele se afasta de Husserl. Poderíamos interpretar o seu texto como uma tentativa de estabelecimento duma «ciência do singular» e, precisamente por isso, anti-aristotélica. Essa é certamente uma das leituras que o texto de Kurt Lewin oferece. Veja-se a título de exemplo F. Gil: «*Era já esta a tese do admirável manifesto de Kurt Lewin (1931) anunciando a passagem de uma psicologia «aristotélica» visando «essências gerais, a uma outra, «galileiana (designação pelo menos discutível) do particular. Nas ciências humanas, a compreensão do individual parece ser um requisito de inteligibilidade — decerto porque, quer como sujeito quer como actuante social e histórico, o homem vive e conhece unicamente situações: esta percepção, este ideato, este sentimento, esta conjuntura, esta acção» (1986, p. 86).*

\* Professor no ISCTE.

A questão que imediatamente se coloca é o da possibilidade duma tal ciência em termos tanto teóricos como metodológicos. Por outro lado se uma psicologia galileiana é possível, de direito, em que medida se de facto, realizada ou em que medida o seu desenvolvimento aponta inequivocamente nesse sentido. São esses pontos que nos propomos examinar neste comentário.

3. Se Kurt Lewin deve a Husserl a formulação do problema, parte da solução que encontra ficará a dever-se a Cassirer. «Desde os anos 1910 (escreve Lewin em 1946) época em que assistia, estudante, às conferências de Cassirer, a psicologia conheceu toda uma série de mudanças... A criança científica de 1910, que acabara recentemente de romper o cordão com a sua mãe filosofia, e que considerava com um ar espantado e um coração inquieto as ciências adultas, não sabendo se deveria imitá-las ou seguir a sua própria via, essa criança científica não teria porventura atingido a maturidade do seu desenvolvimento; mas elevou-se a um nível... que faz do psicólogo de 1910 e do psicólogo de 1946 realidades muito diferentes. Ora, ao longo desse período, não se passou ano nenhum em que eu não tenha tido algum motivo específico para reconhecer a ajuda dos pontos de vista de Cassirer sobre a natureza da ciência e da investigação» (citado por Kauffman, 1968).

A ideia central que Kurt Lewin teria colhido de E. Cassirer foi, possivelmente, a ideia de processo, ou seja, o aspecto dinâmico dos sistemas. Cassirer propunha a passagem da lógica da classificação à lógica da seriação temporal como forma de superar as limitações do método indutivo. O exemplo paradigmático vem da Física.

A passagem da física aristotélica à física galileiana ou, se quisermos ser mais exactos à física de Newton opera-se mediante a construção dum modelo ideal estabelecendo relações necessárias entre conceitos. Para uma caracterização simples e rigorosa desse salto epistemológico recorreremos a Toulmin: «No ponto de partida da teoria de Newton, é-nos apresentado como paradigma um exemplo completamente abstracto, a saber um corpo que se move a uma velocidade uniforme segundo uma recta euclidiana. Uma tal situação teria replicado Aristóteles, é a última coisa que alguma vez se descobrirá no mundo real. Mas Newton não tem necessidade de pretender que existe de facto um corpo real que se move exactamente como a sua primeira lei o prevê. Fornece-nos antes uma norma

para determinar por que razão o movimento dum corpo necessita duma explicação, e quais as forças que deveriam ser exercidas sobre esse corpo se quisermos explicar o seu movimento. Só quando um corpo é abandonado inteiramente a si próprio é que ele seguirá a uma velocidade regular em linha recta; na realidade nunca nenhum corpo se acha colocado nessa situação extrema. Trata-se para Newton duma concepção ideal, o único tipo de movimento que seria auto-explicativo, que seria desprovido de complexidade e não requeriria nenhum comentário — se alguma vez ocorresse» (1973, p.63).

É também esta leitura já presente em Cassirer que Kurt Lewin faz da «física galileiana». As características que lhe aponta não consistem tanto, como justamente sublinha, no contraste entre o qualitativo e o quantitativo, mas sobretudo na diferença radical de orientação. Ora o que há de fundamental nela é a «evolução contemporânea para um modo de pensamento funcional, para a utilização de conceitos genéticos condicionais» (Lewin 1931, p. 11). É essa evolução que está na base da «homogeneização», ou seja, da ideia «duma compreensão unitária da totalidade do universo, já que a mesma lei deve governar o curso das estrelas, a queda das pedras e o voo das aves» (ibid, p.10) o que permite, como já sugerira Cassirer, «a derivação da singularidade a partir dum princípio geral superior» (1910, p. 339).

Há todavia um paradoxo que surge, do qual Kurt Lewin se apercebe de imediato. Trata-se daquilo que ele designa por «paradoxo do novo empirismo». Por um lado a física moderna orienta-se para a «realidade concreta» mas, por outro lado, «a lei (da queda dos corpos) refere-se unicamente aos casos que se realizaram... sendo somente na experiência, isto é, em condições artificialmente construídas, que se produzem casos que se aproximam do fenómeno expresso pela lei» (ibid, p.12). Kurt Lewin enuncia o paradoxo mas não lhe dá qualquer resposta. Trata-se contudo duma questão incontornável.

4. Uma saída possível seria considerar o «paradigma galileiano» como equivalente ao método formal. Basicamente, e baseamo-nos aqui em Diesing (1971), o método formal ou matemático, é caracterizado em primeiro lugar pelo uso de linguagens formais, e segundo, pelo desenvolvimento duma estrutura axiomática, dedutiva. O conceito de formal opõe-se aqui a substantivo. «Uma teoria formal é composta dum modelo mais um número indefinido de interpretação, e há uma distinção nítida entre modelo

*e interpretação. ...Uma teoria substantiva está, em contraste, ligada intrinsecamente ao mundo real, não sendo possível fazer alterações na teoria sem as referir ao mundo real para verificar se a alteração é permitida» (1971, p.31).*

Uma consequência destas características é que uma teoria formal nunca pode ser totalmente falsificada. Se uma determinada interpretação se mostrar inválida outras poderão ser verdadeiras e como há um número indefinido de interpretações é impossível falsificá-las a todas.

Este aspecto é fundamental para distinguir dois tipos de experimentação: a formal e a empírica. Ainda de acordo com Diesing que aborda este problema de forma particularmente esclarecedora, a experimentação formal não visa a validação do modelo, que é impossível; antes tem a finalidade heurística de descobrir sugestões para melhorar os seus postulados, por forma a aperfeiçoá-los e a torná-los mais realistas (1971 p. 19). Nestas condições o formalista está sobretudo interessado na dinâmica da situação, no jogo das variáveis que integram o modelo e não na influência dos factores externos.

Por dinâmica da situação entende-se a forma como as diferentes variáveis se comportam ao longo duma curva do tempo e se aproximam duma solução final na assíntota. O plano experimental não inclui variáveis independentes. Pelo contrário torna-se fundamental controlar ou eliminar os efeitos das variáveis externas ao modelo.

Em contrapartida a experimentação empírica não recorre a curvas de tempo nem se preocupa com a sua estabilização (assíntota), o que exige por via de regra longas séries de ensaios idênticos. Na experimentação empírica requerem-se apenas dados estatisticamente válidos sobre o comportamento da variável dependente, e para isso um reduzido número de ensaios por sujeito experimental é suficiente. E os efeitos das *variáveis independentes* que o formalista procura eliminar através dos múltiplos ensaios são precisamente os que mais interessam ao empirista. (Diesing, p. 81).

Nas ciências sociais, exemplos típicos da orientação formalista encontram-se sobretudo nas ciências económicas. Na psicologia pode todavia citar-se o exemplo das teorias da aprendizagem de Hull e de Steiner. Na psicologia social a teoria dos jogos tem sido associada tanto a estratégias formalistas (Rappaport e Chammah, 1965) como a estratégias empíricas (Deutsch 1973). Um outro tema que tem dado origem

ao desenvolvimento de modelos formais é o da decisão de grupo. Os «esquemas de decisão social» (Davis 1973) definidos a partir de modelos matemáticos formais aplicam-se a qualquer tipo de decisão de grupo, tal como a lei da queda dos graves se aplica a qualquer objecto físico.

5. O argumento desenvolvido por Kurt Lewin apresenta certamente muitos pontos de contacto com esta leitura formalista e anti-empírica galileiana. Vimos já que é nesses termos que ele interpreta, aliás correctamente, a física moderna. Note-se em todo o caso a seguinte observação que parece apontar um sentido diferente: *«O maior ênfase atribuído ao quantitativo e que parece conferir à física moderna um carácter formal e abstracto não deriva de qualquer tendência para o formalismo lógico, mas antes duma tendência para a apreensão total da realidade concreta, mesmo a dum caso particular»* (1931, p. 11). Mais uma vez Kurt Lewin insiste aqui no facto do recurso à linguagem matemática não ser o carácter que confere modernidade à física mas antes a orientação a *«apreensão total da realidade concreta»*. Ora bem, o preço que todavia se paga para que tal apreensão da totalidade seja possível, é justamente a passagem do real ao ideal, do empírico ao racional, tornada possível pela construção dum modelo formal. Mas não parece que Kurt Lewin esteja disposto a pagar esse preço. Para além disso pode argumentar-se que a aplicação do paradigma galileiano à psicologia obedece a uma lógica não necessariamente isomorfa da que se verifica na Física. É o que resta ver.

6. Ao referir-se aos progressos verificados no domínio da Psicologia e a exemplo de tendências emergentes do paradigma galileiano, Kurt Lewin aponta o caso da psicologia sensorial e aí tem especificamente em mente os trabalhos realizados pela corrente gestaltista, mas aponta também, talvez um pouco surpreendentemente, a teoria de Freud. A seu respeito observa que *«ela teria contribuído imenso para a abolição das fronteiras entre o normal e o patológico, entre o habitual e o excepcional, favorecendo desse modo a homogeneização de todos os domínios da psicologia»* (p. 22).

Mais adiante indica que *«a expressão mais nítida e mais importante dessa homogeneidade crescente, para além da passagem do conceito de classe ao conceito de série reside na extensão da validade das leis psicológicas particulares, outrora limitadas a domínios definidos... Admite-se cada vez mais que toda e qualquer lei psicológica deve ser válida sem*

*exceção*» (sublinhado nosso, p. 23). O passo seguinte consiste em derivar as consequências metodológicas destas «leis válidas sem exceção». Mas também aqui o pensamento de Kurt Lewin parece muito claro. Se a psicologia visa a «compreensão integral da realidade total concreta» ela terá de renunciar a convocar toda a história do mundo.

Por outras palavras, terá de passar da «média ao caso puro» desenhando as suas experiências tal como Galileu concebeu o plano inclinado para estudar as leis do movimento. A psicologia que Kurt Lewin concebe parece pois apontar para uma estratégia formal e não empírica. A tarefa do psicólogo consiste em identificar as leis universais reguladoras dos processos e para tanto terá de *construir* modelos cujo valor heurístico irá progressivamente melhorando através das sugestões colhidas por via experimental. Mas, mais uma vez, a experimentação não conduz à falsificação dum modelo formal, visto que este implica por definição uma relação necessária entre as variáveis.

7. Com a passagem à dinâmica, que o texto de Kurt Lewin trata em separado, o projecto duma psicologia galileiana torna-se mais preciso mas os princípios básicos que apontam para o formalismo mantêm-se. Recorde-se que o dilema a resolver consiste em conciliar um máximo de concreção com um máximo de racionalidade, exigências estas que parecem actuar em sentido contrário. Uma psicologia como uma física dinâmica, propõe como resposta a este dilema o isolamento do objecto das suas coordenadas histórico-geográficas e, uma vez esta delimitação feita, a construção do sistema integrando a totalidade das variáveis intervenientes no processo de mudança. Numa palavra uma psicologia galileiana é uma psicologia sistémica e a-histórica. Enquanto sistémica ela deverá articular sujeito e situação — «*a dinâmica dum processo deve ser sempre derivada da relação do indivíduo concreto com a situação concreta*» (1931, p. 41 — sublinhado no texto). A célebre equação, ou «grande truismo» (Jones 1985, p. 84) proposta por Kurt Lewin ( $B = f(P, E)$ ) (1935, p. 241) traduz duma forma condensada essa exigência. Todavia, precisa Kurt Lewin por «*situação total concreta entende-se, essencialmente o estado momentâneo do indivíduo e a estrutura da situação psicológica*» (L. 1931, p. 41, sublinhados nossos). «*É esta delimitação do sistema em termos psicológicos momentâneos que vai permitir o seu isolamento da história do mundo e por isso mesmo garantir que a validade geral da lei e o carácter concreto do caso*

*individual não sejam antitéticos*» (p. 42 sublinhado no texto).

Uma psicologia galileiana terá assim por objecto totalidades sistémicas ou quase-sistémicas (campos) cujos elementos são variáveis psicológicas. A unidade de análise depende das fronteiras do sistema: poderá ser um indivíduo, um grupo, uma organização ou mesmo uma cultura. Qualquer que seja o nível de análise o objecto é sempre explicar os processos psicológicos que mantêm o sistema em equilíbrio ou que o desequilibram. Quanto ao método haverá que proceder à construção de modelos progressivamente isomorfos dos sistemas reais, através dos quais se torne possível explorar e ensaiar hipóteses relativas às causas e consequências dos diferentes processos. No que se refere à linguagem, ou seja, «à técnica para uma tal representação concreta, não apenas da situação física mas psicológica» sugere Kurt Lewin que «*talvez ela não possa ser levada a efeito sem a ajuda da topologia, o ramo mais recente da matemática*» (1931, p. 41).

8. Passamos agora dos aspectos epistemológicos aos aspectos substantivos procurando analisar em que medida a Psicologia lewiniana vai ao encontro das exigências do paradigma galileiano. Aqui poderia distinguir-se entre o período inicial na Alemanha — até 1933 e o período posterior nos Estados Unidos, de 1933 a 1947. Não obstante a unidade e continuidade do seu pensamento é sobretudo nos Estados Unidos que Kurt Lewin irá ocupar-se da Dinâmica dos Grupos e da Psicologia Ecológica, enquanto que na sua fase alemã os seus interesses se centravam na Dinâmica da Personalidade. Na altura em que se exila nos Estados Unidos Kurt Lewin tinha já desenvolvido o seu modelo básico — a *teoria de campo* (Lewin 1935, 1936). Os construtos principais desta teoria são o *espaço de vida*, o *comportamento* e a *locomção* as *forças* e os *campos de forças*, as *tensões* e os *sistemas de tensão*. A linguagem utilizada para articular estes construtos inspira-se na topologia mas sem qualquer pretensão de rigor formal. É uma utilização apenas analógica e que inclui conceitos como *campo*, *fronteira*, *região*, *barreira*, etc.

Vejamos resumidamente alguns aspectos centrais da teoria a partir dos construtos que utiliza.

O *espaço de vida* dum indivíduo consiste na pessoa e no contexto psicológico tal como existe para ela. É a totalidade dos factores psicológicos que influenciam um indivíduo num dado momento. O mesmo construto é aplicável aos grupos. Quanto à sua natureza o espaço

de vida tem uma estrutura cognitiva e características dinâmicas. No que se refere ao primeiro aspecto, o espaço de vida está diferenciado em regiões. Uma região é uma parte do espaço de vida que pode distinguir-se das outras. Exemplos de regiões são a família, os amigos, a profissão, etc. Estas regiões são por seu turno diferenciáveis em unidades mais pequenas. O grau de diferenciação depende do objecto da análise e depende também do estágio de desenvolvimento do sujeito

Um adulto terá um espaço de vida mais diferenciado que uma criança. Podem ainda distinguir-se duas dimensões adicionais: a *fluidez* do sistema e o nível de *realidade ou de irrealidade*. A fluidez refere-se à maior ou menor permeabilidade das fronteiras que delimitam as regiões, à facilidade de locomoção duma região para outra. A irrealidade refere-se à fantasia enquanto que a realidade se refere aos aspectos mais objectivos do espaço de vida.

A estrutura do espaço de vida consiste nas posições relativas das suas partes podendo alterar-se por virtude de vários factores como um aumento de diferenciação duma região, uma combinação de duas ou mais regiões, um decréscimo de diferenciação ou uma fragmentação duma região em regiões independentes.

O *comportamento* pode ser interpretado como uma *locomoção* no espaço de vida. A locomoção pode ser física, deslocamento corporal, ou psicológica — aproximação ou evitamento de certos objectivos. Há todavia *barreiras*, ou seja, fronteiras que oferecem resistência à locomoção e que limitam o *espaço de movimento livre*. A locomoção pode ser produzida por uma *necessidade* que corresponde a um sistema de tensão da região interpessoal. Uma força é definida como aquilo que causa mudança. Tem como propriedades uma direcção, uma intensidade e um ponto de aplicação. Várias forças actuando num mesmo ponto num dado momento dão lugar a uma *resultante*. É esta resultante que determina o *comportamento*. Quando a resultante é superior a zero há uma locomoção na direcção dessa força ou uma mudança na estrutura cognitiva equivalente à locomoção. As forças psicológicas representam ou correspondem a relações entre as regiões do espaço de vida. O grau de atracção dum objectivo numa dada região, ou seja, a *valência*, conjugada com a distância psicológica do sujeito determinam a intensidade da força. Alterações de intensidade, ou seja, *gradiente*, diferem consoante as valências sendo superiores quando estas são negativas.

Num espaço de vida existem forças opostas de que resulta um estado de *tensão*. As diferentes tensões e as relações entre as várias regiões constituem sistemas de tensão. Estes sistemas funcionam como forças dirigidas para a acção. As actividades numa região podem afectar a tensão noutro sistema desde que as respectivas fronteiras sejam permeáveis.

9. Um exemplo do método experimental utilizado no âmbito da teoria de campo é dado pelos estudos sobre tarefas interrompidas, conduzidos por Zeigernik em 1927 e por Ovsiankina em 1928 (Lewin 1953, pp. 242-244). De acordo com a teoria, duas ou mais forças positivas dirigidas para diferentes objectivos ou forças positivas dirigidas para o mesmo objectivo ou região geram um estado de tensão. Por exemplo se interrompermos uma tarefa antes dela ser completada isso gera um estado de tensão que por seu turno se traduz em efeitos.

Uma predição possível é que um indivíduo numa tal situação recorda com mais facilidade as tarefas interrompidas e terá igualmente mais tendência para as retomar. Estas predições foram ambas confirmadas ilustrando o que passou a designar-se como *efeito de Zeigernik*. Esta experiência e muitas outras poderiam citar-se, (veja-se Lewin 1935 pp. 239-271) parecem-nos estar de acordo com a orientação formalista que anteriormente referimos e caracterizamos. Ela não invalida o modelo teórico dos sistemas de tensão, mas apenas revela a engenhosidade dos investigadores para imaginar uma situação *ilustrando* os efeitos dos construtos que integram o modelo. Imaginemos todavia que os resultados não confirmavam as predições, ou seja, que os sujeitos observados não recordavam melhor as tarefas interrompidas. Significaria isso que o modelo teórico se achava incorrecto? De forma alguma. Quando os modelos construídos são ideais e quando a articulação dos seus construtos é regulada por ligações rigorosas, o único problema que pode colocar-se é o do seu valor heurístico, a sua maior ou menor adequação aos casos reais, mas não propriamente a sua validade interna.

Assim sendo poderia concluir-se que a teoria lewiniana de campo é uma teoria formal, que o método utilizado é a experimentação formal e que tais características são as que correspondem às exigências do paradigma galileiano.

Tal conclusão peca por excesso, por duas razões. Em primeiro lugar a articulação dos construtos não obedece nem pretende obedecer ao rigor da lógica formal. Em segundo lugar a linguagem utilizada, de

inspiração topológica, também não se reveste do rigor que os modelos formais requerem. O «formalismo» de Kurt Lewin mesmo na sua fase mais próxima do gestaltismo, revela-se assim mais analógico do que substantivo. A inspiração formalista reflecte-se todavia na tentativa de construção duma psicologia que coloca no seu centro os processos psicológicos e que procura para eles um modelo explicativo exclusivamente interno, ou seja, um modelo constituído apenas por construtos psicológicos.

10. Um tipo de explicação em psicologia utilizando apenas construtos psicológicos corresponde, por outro lado, à orientação que se observa na teoria psicodinâmica de Freud e seus continuadores. Piaget (1963) designa-a por «explicação por redução psicogenética». Consiste em «procurar a explicação dum certo número de reacções ou de condutas variadas na redução a um mesmo princípio causal que permanece no decurso das transformações» (pp. I-140). Segundo este mesmo autor, este tipo de explicação tende a corrigir-se a ela própria e a evoluir para explicações *construtivistas* quer do tipo comportamentalista quer de tipo genético (I-142).

As explicações construtivistas, e nelas igualmente se incluem os modelos formais têm de comum a rejeição do reducionismo a variáveis externas aos processos psicológicos, sejam elas físicas, sociais ou fisiológicas. Distinção análoga é proposta por K. Gergen ao opor duas visões do mundo e suas correspondentes orientações epistemológicas: a *endógena* e a *exógena*, esta «*dando prioridade ao mundo externo na geração do conhecimento humano*» e aquela dando «*proeminência aos processos mentais*» (1982, p. 173).

Nestas condições uma interpretação possível para a teoria de Kurt Lewin seria considerá-la em termos de orientação *construtivista* ou *endógena*.

De acordo com a leitura de Gergen há todavia uma certa ambiguidade na *démarche* de Kurt Lewin. Conforme observa: «*Para Kurt Lewin o tema de atenção principal era o mundo mental do indivíduo, não o mundo da natureza circundante. A realidade empírica de natureza positivista ocupava todavia uma posição nebulosa na teoria lewiniana — nunca inteiramente absorvida nem nunca inteiramente rejeitada. Esta ambivalência reflectia-se também no uso da expressão «realidade externa». Por vezes o conceito referia-se a observáveis públicos, mas outras à construção interna ou psicológica do mundo*» (1982, p. 182).

A mudança, a partir de 1933, para um outro *Zeitgeist*, vai agudizar esta ambivalência e vai igualmente determinar orientações que se afastam de forma significativa do paradigma galileiano.

«*A equação clássica estabelecendo que o comportamento é uma função da construção pessoal e da envolvente (  $B = f(P, E)$ , representou, sugere Gergen, a sua tentativa para conjugar duas epistemologias fundamentais. Ao referir o comportamento a processos psicológicos ele revelou a sua longa imersão no pensamento endógeno; ao referir o comportamento aos determinantes envolventes cedia aos interesses exógenos que dominavam a cena americana*» (1982, pp. 182-3).

Sem dúvida que a fase americana se caracteriza por um certo regresso, digamos assim, a um paradigma pré-galileiano, documentado pela adopção do método experimental pelo próprio Kurt Lewin, e em seguida, pela numerosa pleiade que ele inspirou, não na sua modalidade *formal* mas na sua modalidade *empírica*. Um exemplo é dado pelos estudos sobre a atmosfera de grupo (Kurt Lewin 1938, Lewin e Lippit 1939, Lewin, Lippit e White 1939) onde se adopta o procedimento de distinguir e manipular variáveis independentes, no caso vertente o clima de grupo operacionalizado pelo comportamento do líder, observando os seus efeitos na variável dependente operacionalizada em termos dos comportamentos e resultados dos grupos. Se há todavia uma regra geral que caracterize os «galileianos» ela consistirá provavelmente em evitar pensar ou falar sobre causas ou efeitos únicos e suprimir a tendência para considerar umas variáveis como independentes e outras como dependentes» (Steiner, 1986).

11. Diz-se que Freud, ao desembarcar pela primeira vez nos Estados Unidos, teria confidenciado a Jung, que o acompanhava: «*Eles não sabem que lhes trazemos a peste*». De certo modo quase se poderia dizer o mesmo a respeito de Kurt Lewin. A peste lewiniana seria, no caso vertente, a revolução cognitiva que tem lugar nos anos sessenta mas cujas origens se podem fazer remontar à influência que ele exerceu através de figuras como Cartwright, Deutsch, Festinger, Kelley, Thibaut e outros.

Tal como observa Gergen «a perspectiva endógena tão fortemente representada na orientação de Lewin manteve-se todavia. Onde? Essencialmente incorporou-se nas teorias estudadas empiricamente. As pessoas, mas não os cientistas, são supostas ser dominadas por construções, motivos, necessidades,

etc. de tipo cognitivo. *Elas vivem num mundo de processos mentais internamente gerados. É esta irónica dualidade — o cientista empregando uma teoria exógena para orientar a sua conduta, e assumindo por outro lado uma base endógena para as acções dos outros — que volta agora a obcecar a disciplina»* (1982, p. 184) Gergen refere-se à «crise da psicologia social» cujos sintomas se manifestam num certo preciosismo metodológico aplicado a problemas cada vez mais restritos e socialmente irrelevantes. Este estado de coisas pode interpretar-se como uma consequência perversa da aliança entre uma epistemologia pré-galileiana e um objecto galileiano. A via experimental empírica permite falsificar as hipóteses mas, *precisamente por isso*, leva a estratégias experimentais dispersas e cada vez mais restritas, à multiplicação das micro-teorias e, no limite, à fragmentação da própria disciplina.

12. A interpretação proposta e segundo a qual a psicologia lewiniana comporta diferentes fases bem como ambiguidades relativamente ao paradigma galileiano, não é de forma alguma pacífica, nem se pretende que o seja. Outros autores vêm na obra de Kurt Lewin uma grande coerência e continuidade e não consideram que se justifique uma distinção entre o período alemão e o período americano.

Para Kaufmann (1963), que aborda Lewin do ponto de vista da filosofia e a ele consagrou um ensaio de invulgar densidade, a unidade do projecto de Lewin poderia formular-se nos seguintes termos: *«Generalizar o método de interpolação serial da psicanálise alargando-o das linhas de destino individual às linhas de destino dos grupos, dando-lhe por base científica uma dinâmica relativista do sentido — tal é o objectivo que ele (Lewin) prosseguiu deliberadamente, desde os seus trinta anos até à sua morte, desde o tempo em que meditou sobre o universo de Minkowski até aos últimos anos em que generaliza a transferência psicanalítica à noção de «investigação-acção»* (Kaufmann 1963 p. 14).

Kaufmann interpreta o paradigma galileiano em termos dum construtivismo psico-genético aproximando a teoria lewiniana de campo das teorias psicodinâmicas de Freud. O projecto de Lewin inspirar-se-ia por um lado nas teorias psicanalíticas mas é por outro lado sensível aos desenvolvimentos da Física relativista e nela procura igualmente inspiração. Desde logo a teoria do campo de Lewin tem analogias com o campo de Maxwell e nela igualmente encontramos «demónios» que aí funcionam como «gatekeepers» .

A partir dessas múltiplas influências e interesses constrói Lewin uma teoria coerente cujo núcleo duro se traduz na característica eminentemente subjectiva dos processos psíquicos, ou seja, não remetem para nenhum sistema de referência exterior e a sua determinação é relativa. Para Kaufmann podemos reencontrar no espírito de Lewin o essencial do pensamento psicanalítico. *«Porque se o princípio de redução das tensões equivale ao princípio do prazer, o princípio de exclusão equivale ao princípio de realidade e o sentido dos processos psíquicos determina-se no espaço hodológico em função das barreiras, da mesma forma que o sentido dos processos relativamente à psicanálise se determina pelo princípio do prazer e pelo princípio da realidade»* (1963, p. 319).

Do nosso ponto de vista a aproximação entre Lewin e Freud é sedutora mas apenas sustentável em termos metafóricos havendo que distinguir a especificidade dos dois projectos. A principal diferença reside quanto a nós no papel que a psicanálise atribui à história e ao inconsciente, dimensões dificilmente compatíveis com o estruturalismo estático do espaço de vida lewiniano. Para além disso há em Lewin uma atracção quase-positivista pelo paradigma das ciências físicas que o tornam pouco sensível ao método clínico utilizado na Psicanálise. É quanto a nós sintomática a sua afirmação, datada de 1935, no Prefácio à *Teoria Dinâmica da Personalidade* segundo a qual «não pode mais duvidar-se hoje em dia que as questões colocadas por exemplo pela psicanálise não sejam prontamente acessíveis à clarificação experimental, desde que se utilizem os métodos e conceitos apropriados» (1935, pV).

Pretender todavia submeter a psicanálise a critérios experimentais não parece ser, pese embora a atraente aproximação de Kaufmann, a melhor forma de estabelecer uma continuidade com o pensamento psicanalítico. Quanto a nós a psicanálise situa-se numa linhagem epistemológica porventura mais «aristotélica» do que «galileiana» na qual predominam as tipologias, conceitos empíricos próximos da experiência comum, estruturas teóricas não hierárquicas e imperfeitamente acopladas, lógicas dialécticas e métodos como a clínica, a observação participada, estudo de casos ou mesmo o laboratório mas, neste último caso, com objectivos mais dirigidos para a aplicação prática do que para a validação de modelos teóricos.

É certo que a obra de Lewin, na sua fase americana e sobretudo quando colabora na solução de problemas como a mudança dos hábitos alimentares

pode inserir-se igualmente nesta linhagem. Mas parece-nos difícil sustentar que tal tipo de estudos sejam os que mais se aproximam do paradigma galileiano.

Em última análise o que haverá porventura de mais vulnerável na proposta de Lewin é que a polarização que estabelece entre duas epistemologias transporta directamente da Física para a Psicologia.

Mas há que ler essa proposta, como F. Gil, como um «manifesto», visando provocar o debate de ideias e não propriamente como uma reflexão serena e definitiva. Talvez que assim se compreenda que sessenta anos depois os problemas levantados por Lewin conservem toda a sua frescura e actualidade.

## BIBLIOGRAFIA

- CASSIRER, E. (1910) — *Substanzbegriff und Funktionsbegriff*, trad. ingl. por WC Swabey e MC Swabey — *Substance and Function* — Chicago & London: Open Court 1923.
- DAVIS, J. H. (1913) — Group decision and social Interaction: A theory of social decision schemes — *Psychological Review* 80, 97-125.
- DIESING, P. (1971) — *Patterns of Discovery in the Social Sciences*. New York, Aldine.
- DEUTSCH, M. (1973) — *The Resolution of Conflict. Constructive and Destructive Processes* — New Haven and London, Yale University Press.
- GERGEN, K. (1982) — *Toward Transformation in Social Knowledge*, Springer-Verlag — New York, Heidelberg, Berlin.
- GIL, F. (1986) — *Provas* — Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- HUSSERL, E. (1912) — *Philosophie als Strenge Wissenschaft*, Logos I, 3, Tradução portuguesa por Altin Beau — *A Filosofia como Ciência do Rigor* — Coimbra 1942.
- JESUINO, J. C. (1976) — In: OG Pereira e JC Jesuino — *O Desenvolvimento Psicológico da Criança*, 2º volume/1º tomo, Lisboa, Moraes Editores.
- JONES, E. E. (1983) — Major developments in social psychology during the past five decades. In G. Lindzey e E. Aronson (Eds) — *Handbook of Social Psychology*, Random-House, New York, pp. 47-108.
- KAUFMANN, P. (1986) — *Kurt Lewin. Une théorie du champ dans les sciences de l'homme* — Paris, Vrin.
- LEWIN, K. (1931) — Der Obergang von der aristotelischen und Psychologie Eskeuntuis, I, 6 421-459. Versão inglesa: The conflict between aristotelian and galileian modes of thought in contemporary psychology — *Journal of General Psychology* 5, 141-177. In: Kurt Lewin — *A Dynamic Theory of Personality*, New York, McGraw-Hill 1935.
- LEWIN, K. (1936) — *Principles of topological psychology* — New York, McGraw-Hill.
- LEWIN, K. (1938) — Experiments on autocratic and democratic atmospheres — *Sociological Frontier* 37, 316-319.
- LEWIN, K. e LIPPIT, R. (1939) — An experimental approach to the study of democracy: a preliminary note — *Sociometry* 192-300.
- LEWIN, K. LIPPIT, R. e WHITE, R. K. (1939) — Patterns of aggressive behaviour in experimentally created social climates — *Journal of Social Psychology* 10, 271-299.
- LEWIN, K. (1949) — Cassirer's philosophy of science and the social sciences — In: P. A. Schlipp (Ed.) — *The Philosophy of E. Cassirer*, Library of Living Philosophers (póstumo).
- PIAGET, J. (1963) — L'explication en psychologie et le parallelisme psycho-physiologique. In: *Traité de Psychologie Expérimentale, vol. I: Histoire et Méthodes* — Paris, PUF.
- RAPPAPORT, A. e CHAMMAH, A. H. (1965) — *Prisoner's Dilemma* — Ann Arbor University of Michigan Press.
- STEINER, I. D. (1986) — Paradigms and Groups. In: L. Berkowitz — *Advances in Experimental Social Psychology*, vol. 19, pp. 251-286.
- TOULMIN, S. (1961) — *Foresight and Understanding* — Trad. Francesa — *L'explication scientifique*, Paris, Armand Colin 1973.